

A PRESENÇA DO OUTRO NA CONSTITUIÇÃO DO CORPO: ESTUDO PRELIMINAR DE *LE CORPS UTOPIQUE* DE M. FOUCAULT

The presence of other in the constitution of the body: a preliminary study of the Le Corps Utopique of M. Foucault

Olga Nancy Peña Cortés *

Resumo: No amplo legado teórico deixado por Michel Foucault, encontram-se duas conferências radiofônicas proferidas em 1966, no programa *Culture Française* dirigido por Robert Valette, na série *Utopie et Littérature*, a saber, *Les Hétérotopies et Le Corps Utopique*. O objeto deste artigo restringe-se a segunda conferência, a qual se encontra oculta sob o peso de obras que tiveram maior expressão, como foi o caso de *As palavras e as coisas* publicada no mesmo ano. Apesar de seu anonimato, isto não diminui a riqueza de sua proposta. *Le Corps Utopique* propõe a análise do corpo como lugar de utopias. Partindo do pressuposto de que estamos condenados a um corpo material e imperioso, Foucault desenvolve sua argumentação ao longo de quatro movimentos que vão se contrapondo uns aos outros até concluir que a constituição do corpo se realiza pela presença do outro. O objetivo deste artigo é apresentar esta conferência com o intuito de tecer algumas considerações advindas da mesma.

Palavras-chave: Corpo. Espaço. Utopia.

Abstract: In the large theoretical legacy of Michel Foucault, there are two radiophonics conferences from 1966, in the program *Culture Française* by Robert Valette in the serie *Utopie et Littérature*, called *Les Hétérotopies et Le Corps Utopique*. The subject of this article focus on the second conference, which is hidden by the importance of others works with more relevance, such as *As palavras e as coisas* published in the same year. In spite of its anonymity, it does not diminish the importance of his proposal. *Le Corps Utopique* offers an analysis of body as place of utopies. Given the condition that we are condemned to a material and imperial body, Foucault develops his argument through four movements that are countered each other until concluded that the constitution of body is realised by the presence of other. The article aims to show the conference mentioned to thread some considerations about it.

Keywords: Body. Space. Utopia.

* Mestranda em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Bolsista CAPES/PROSUP. E-mail: olga.cortes@acad.pucrs.br

Introdução

A década de 1960 representa um dos momentos mais ricos da história do pensamento filosófico francês. Em contraposição à filosofia fenomenológico-existencialista da primeira metade do século XX, o cenário filosófico francês abre um novo momento em sua trajetória que influenciaria todo o cenário intelectual até a contemporaneidade. Denominado estruturalismo francês, tem sua origem assinalada na obra de Ferdinand de Saussure, *Curso de Linguística Geral*, que fornecerá a base para o método estruturalista desenvolvido por Lévi-Strauss. Segue-se a ele a renovação do marxismo proposto por Louis Althusser, a psicanálise de Jacques Lacan, culminando em novas concepções teóricas vistas em Roland Barthes, Michel Foucault, Pierre Bourdieu, Jacques Derrida, Gilles Deleuze, entre outros. Ramificando-se em várias abordagens, percebe-se sua influência em áreas como a literatura, a psicologia, a antropologia, a história e a filosofia.

A rápida ascensão e a disseminação da proposta estruturalista residem na força de seu argumento. Segundo Dosse¹, essa força argumentativa encontra-se na capacidade de contestação e rejeição do pensamento ocidental tradicional alicerçado na supremacia do sujeito. Sensível ao desencanto advindo das guerras que abalaram o mundo, o paradigma estruturalista busca propor um novo modelo de análise, sobretudo nas ciências humanas e sociais à luz da linguística, a qual se tornaria a ciência piloto deste período.

Neste cenário, Michel Foucault (1926-1984) desenvolve seu amplo legado teórico, o qual se encontra tanto em suas obras publicadas quanto nas inúmeras entrevistas, cursos, conferências, emissões televisivas e radiofônicas das quais participou. Pensador complexo, Foucault consolida seu pensamento no cenário filosófico francês à época do lançamento de seu livro *As palavras e as coisas* no ano de 1966. Este livro também o tornou conhecido no cenário intelectual mundial. Influenciado pelo estruturalismo, mas também pela psicologia, a psicanálise e a crítica literária, seu pensamento influenciou várias áreas do conhecimento. Assim, pensar sua obra constitui sempre um árduo, porém prazeroso desafio. Dotado de um estilo peculiar, Foucault forneceu ao seu construto filosófico um tom por vezes literário, poético e, porque não dizer, intimista com o qual nos conduz à complexa profundidade de seu pensamento. Sempre surpreendente, mesmo após trinta anos de seu falecimento, o filósofo ainda nos brinda com pequenas pérolas escondidas reveladas à medida que o tempo passa. É o caso da segunda conferência radiofônica proferida pelo filósofo no ano de 1966, *Le Corps Utopique*^{2,3,4}.

¹ DOSSE, F. História do Estruturalismo. São Paulo: Ensaio; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993. v.1: O campo do signo, 1945-1966.

² FOUCAULT, M. *Le Corps Utopique suivi de Les Hétérotopies*. Postface de: Daniel Defert. Paris: Nouvelles Éditions Ligne, 2009.

³ A edição utilizada para este artigo é a edição francesa.

Objeto de estudo deste artigo, pode-se dizer que *Le Corps Utopique* é uma conferência situada à margem da obra do filósofo. Assim, resgatá-la de seu anonimato impõe a necessidade de considerar os limites que naturalmente surgem ao se assumir uma proposta com essas características. Entre esses limites, salientam-se os raros trabalhos relacionados ao tema abordado como pode se verificar na escassa bibliografia apresentada. Em vista disso, seria precoce neste momento relacioná-la a outras obras do filósofo publicadas nessa época ou mesmo traçar algum tipo de paralelo com outros aspectos de sua obra. Portanto, o objetivo proposto é o de apresentar a conferência referida, traçando algumas considerações a partir da mesma, e deixar como sugestão a possibilidade de estudos futuros.

Duas emissões radiofônicas, duas trajetórias distintas: *Les Hétérotopies et Le Corps Utopique*

Nos dias 7 e 21 de dezembro do ano de 1966, Foucault proferiu duas conferências a convite do programa radiofônico *Culture Française* de Robert Valette, na *France Culture* para a série *Utopie et Littérature*. Arquivadas no *Institut National de l'Audiovisuel (INA)*, em Paris, até o ano de 2004 quando, então, foram disponibilizadas em CD na coleção intitulada *Mémoire Vive* sob o título *Michel Foucault, Utopies et Hétérotopies*. A publicação editorial somente ocorre no ano de 2009 no livro *Le Corps Utopique suivi de Les Hétérotopies*, cujo posfácio é escrito por Daniel Defert. Apesar do curto espaço de tempo que separa a primeira da segunda conferência, as duas tiveram trajetórias muito diferentes. Enquanto a primeira superou a expectativa do filósofo, a segunda se manteve no anonimato até sua recente publicação.

A primeira conferência, *Les Hétérotopies*, teve como resultado imediato um convite para uma segunda conferência, a qual ocorreu em março de 1967 intitulada *D'espaces d'autres*, no *Cercle d'Études Architecturales* de Paris. No entanto, o filósofo somente autorizou sua publicação no ano de 1984 na revista *Architectures, Mouvements, Continuité (AMC)* por ocasião da exposição *Idée, Processus et Résultat* em Berlim, sendo reeditada nos *Dits et écrits*, v. IV, *texte n° 360*⁵. Embora tenham transcorrido dezoito anos entre a conferência e sua publicação autorizada nos anos 1980, isto não impediu que o tema seguisse um caminho próprio e independente da vontade do filósofo⁶. Amplamente divulgado e trabalhado na arquitetura, o tema da heterotopia superou as fronteiras francesas, difundindo-se em outros países

⁴ A gravação original encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OeOmXEagOSM>.

⁵ Daniel Defert refere que a versão publicada nessa ocasião não corresponde àquela publicada nos *Dits et Écrits*, Gallimard, t. IV, *texte n°360*. DEFERT, D. *Hétérotopie: Tribulation d'un concept entre Venise, Berlin et Los Angeles*. In: FOUCAULT, M. *Le Corps Utopique suivi de les Hétérotopies*. Paris: Nouvelles Éditions Lignes, 2009. p.37-61.

⁶ Daniel Defert comenta a resistência de Foucault em dar continuidade a este tema. No entanto, os motivos disto permanecem desconhecidos. DEFERT, D. *Hétérotopie: Tribulation d'un concept entre Venise, Berlin et Los Angeles*. In: FOUCAULT, M. *Le Corps Utopique suivi de les Hétérotopies*. Paris: Nouvelles Éditions Lignes, 2009. p.37-61.

A presença do outro na constituição do corpo: estudo preliminar de *Le Corps Utopique* de M. Foucault

européus até alcançar os Estados Unidos. Neste último, possibilitou-se a criação da disciplina denominada heterotopia na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, coordenada pelo geógrafo e urbanista Edward Soja⁷.

Trajetória oposta seguiu a segunda conferência. Publicada somente no ano de 2009 pela *Nouvelles Éditions Lignes*, *Le Corps Utopique* não se encontra contemplada nem na publicação *Dits et Écrits* nem nos comentários apresentados por Daniel Defert no posfácio da referida publicação. Igualmente, não se encontra no posfácio nenhuma alusão à inversão na ordem de apresentação na publicação editorial em relação a sequência original das conferências radiofônicas. Sombreada pela primeira, o fato é que a conferência *Le Corps Utopique* não encontra eco nem nas obras do filósofo nem nas análises realizadas da mesma, apesar de tratar de um tema recorrente ao longo de sua obra: o espaço e o corpo.

O fio condutor entre as duas conferências é o espaço, o qual é abordado sob dois aspectos diferentes: a heterotopia ou outros lugares e o corpo como espaço de utopia. Na primeira conferência dedicada à heterotopia, Foucault refere-se a esses outros lugares que ocupam os espaços nos quais vivemos, propondo a criação de uma ciência para pensá-los, a saber, a heterotopia. Na visão do filósofo, esta ciência teria como objeto de estudo esses outros lugares [...] *ces espaces différents, ces autres lieux, ces contestations mythiques et réelles de l'espace où nous vivons [...]*⁸. A heterotopia, portanto, busca por meio de critérios estabelecidos pelo filósofo pensar os lugares que são criados a partir dos lugares existentes diferenciando-a da utopia, cuja denominação é reservada para aquilo que não possui nenhum lugar. Referindo-se à conferência, Sabot compreende que ela encontra-se afinada com o projeto arqueológico foucaultiano dos anos 1960 [...] *en mettant au premier plan l'articulation du social et du spatial*⁹ e, sobretudo, ao demonstrar a multiplicidade de espaços que habitamos nos lugares onde vivemos.

A segunda conferência, no entanto, segue outro viés. Sabot considera-a um projeto surpreendente quando relacionada às obras desse período, pois a percebe no limiar de uma espécie de exercício fenomenológico. O objeto da conferência em seu entendimento é a relação entre o corpo e a utopia: [...] *et conduit à ce qu'on pourrait appeler une phénoménologie de l'utopie: non pas donc une analyse historique et culturelle des traitements utopiques, ou par l'utopie, du corps, mais plutôt une élucidation du sens de l'utopie à partir du corps*¹⁰. A reflexão proposta por Foucault diz respeito ao corpo, ponto zero a partir do qual se estabelece realidade e utopia. Por meio de um singular movimento argumentativo, o filósofo nos

⁷ SABOT, P. *Langage, société, corps. Utopies et hétérotopies chez Michel Foucault*. Revue Materiali Foucaultiani, 2012, v.1, n.1, p. 17-35. Disponível em: <<http://materialfoucaultiani.org/fr>>. Acesso em: 15 set. 2014.

⁸ FOUCAULT, M. *Les Hétérotopies*. In: *Le Corps Utopique suivi de Les Hétérotopies*. Postface de: Daniel Defert. Paris: Nouvelles Éditions Lignes, 2009. p.25.

⁹ SABOT, P. *Langage, société, corps. Utopies et hétérotopies chez Michel Foucault*. Revue Materiali Foucaultiani, 2012, v.1, n.1, p. 12. Disponível em: <<http://materialfoucaultiani.org/fr>>. Acesso em: 15 set. 2014.

¹⁰ SABOT, P. *Langage, société, corps. Utopies et hétérotopies chez Michel Foucault*. Revue Materiali Foucaultiani, 2012, v.1, n.1, p. 12-13. Disponível em: <<http://materialfoucaultiani.org/fr>>. Acesso em: 15 set. 2014.

A presença do outro na constituição do corpo: estudo preliminar de *Le Corps Utopique* de M. Foucault

conduz ao longo de seu texto à relação de intimidade e estranheza que temos com nosso corpo, cujo *estar aqui* se relaciona à presença do outro.

Le Corps Utopique: o corpo aqui pela presença do outro

O ponto central da conferência é compreender o corpo, *meu corpo*, como espaço de utopia, [...] *l'acteur principal de toutes les utopies*¹¹. Sabot coloca que Foucault busca [...] *savoir aussi bien comment l'utopie peut naître du corps (pour contrer ou effacer son objectivité pesante) que la manière dont le corps lui-même constitui un foyer utopique, à partir duquel et en direction duquel se déploie le désir utopique*¹².

A partir dessas considerações iniciais, podemos identificar ao longo da conferência três movimentos. O primeiro movimento aborda o corpo como lugar impiedoso; o segundo movimento trata das utopias que surgem com objetivo de anular o corpo; o terceiro movimento refere-se ao corpo e seus recursos utópicos; e o quarto movimento refere-se ao corpo como ator principal de todas as utopias, concluindo com a constatação de que a constituição do corpo se realiza pela presença do outro.

Foucault inicia a conferência referindo-se ao fato inevitável da condição humana, a saber, a inseparabilidade do corpo desde que [...] *j'ai les yeux ouvertes [...]*¹³. Significa dizer que diariamente ao despertar somos colocados imediatamente em contato com a realidade na qual estamos enraizados: a presença do corpo em mim ou minha presença nele. Apesar de podermos nos deslocar para onde quisermos, o corpo nos impõe um limite, pois não podemos fazê-lo sem ele, [...] *je ne peux pas le laisser là ou il est pour m'aller, moi, ailleurs*¹⁴. Verso e reverso da condição humana, essa condição imperiosa do corpo, na visão foucaultiana, o torna uma *topie impitoyable*¹⁵, a que estamos condenados e para a qual não temos nem alternativa, nem escolha já que ele encontra-se permanentemente conosco. Nunca longe. Estamos perante a dimensão estritamente material do corpo. Trata-se de um corpo localizado, visível e palpável, tornando possível a afirmação do autor de que o corpo é o contrário da utopia.

A constatação de que o corpo é um lugar sem recursos, seja para livrar-nos dele, seja para modificá-lo, de acordo com o filósofo, ocorre diante de nossa própria imagem refletida no espelho

¹¹ FOUCAULT, M., *Les Hétérotopies*. In: *Le Corps Utopique suivi de Les Hétérotopies*. Postface de: Daniel Defert. Paris: Nouvelles Éditions Lignes, 2009.p. 15.

¹² SABOT, P. *Langage, société, corps. Utopies et hétérotopies chez Michel Foucault*. Revue Materiali Foucaultiani, 2012, v.1, n.1, p. 13. Disponível em: <<http://materialfoucaultiani.org/fr>>. Acesso em: 15 set. 2014

¹³ FOUCAULT, M. *Le Corps Utopique*. In: *Le Corps Utopique suivi de Les Hétérotopies*. Postface de: Daniel Defert. Paris: Nouvelles Éditions Lignes, 2009. p. 9.

¹⁴ FOUCAULT, M. *Le Corps Utopique*. In: *Le Corps Utopique suivi de Les Hétérotopies*. Postface de: Daniel Defert. Paris: Nouvelles Éditions Lignes, 2009.p.9.

¹⁵ FOUCAULT, M. *Le Corps Utopique*. In: *Le Corps Utopique suivi de Les Hétérotopies*. Postface de: Daniel Defert. Paris: Nouvelles Éditions Lignes, 2009.p. 9.

diariamente. A partir deste contato implacável torna-se possível compreender a existência das utopias. Em suas palavras: *Je pense, après tout, que c'est contre lui et comme pour l'effacer qu'on a fait naître toutes ces utopies*¹⁶. Portanto, as utopias nascem contra a condenação do corpo seja para negá-lo, seja para contestá-lo. Dessa forma, pode-se compreender o encantamento que a utopia exerce no homem, pois lhe oferece a possibilidade de um lugar sem lugar onde poderia se vivenciar um corpo sem corpo. O corpo incorpóreo é, no entender de Foucault, a utopia mais enraizada na humanidade, encontrando-se tanto na literatura quanto nos ritos funerários e na alma. Na literatura destaca os contos de fadas onde encontramos um corpo transfigurado, isto é, nos deparamos com corpos que voam, morrem e renascem, entre tantas outras possibilidades imaginativas que auxiliam no esquecimento da condenação a qual estamos submetidos. Para o filósofo, [...] *c'est le pays où les corps se transportent aussi vite que la lumière [...] c'est le pays où on est visible quand on veut, invisible quand on le désire*¹⁷.

Além disso, Foucault¹⁸ refere-se aos ritos funerários e à alma como utopias que visam apagá-lo, negá-lo e transfigurá-lo. O corpo incorpóreo alcança sua negação e transfiguração na tentativa concreta da petrificação dos corpos, cujo pressuposto é a eternidade. Encontram-se aqui os ritos funerários herdados da cultura egípcia (as múmias), da Macedônia (máscara de ouro), da Idade Média (estátuas jacentes) presentes até na contemporaneidade nas estátuas erguidas nos túmulos dos cemitérios. O corpo fixado e petrificado. Eterno. Contudo, considera o mito da alma presente desde os primórdios da civilização ocidental como sendo a utopia, cuja capacidade de negar o corpo sobrepõe-se a todas as anteriores. Sabot refere-se a ela como sendo a utopia metafísica da alma, a qual [...] *convertit l'impuissance du corps en puissance d'évasion, de redémption et d'éternité*¹⁹. A alma alojada no corpo subjuga-o, despotencializando-o, tornando-o impuro, sujo e denso quando comparado a ela que é tida como pura, leve e eterna. Enquanto o corpo apodrece, a alma permanece ou, como diz Foucault, *elle durera longtemps, mon âme, et plus que longtemps, quand mon vieux corps ira pourrir*²⁰.

Os contos de fadas, os ritos funerários e a alma possuem consigo seu contraditório, pois na tentativa de o anularem, terminam por mantê-lo ilusoriamente belo e eterno. Corpo irreal. Inexistente. Corpo subjugado. Contra o poder da subjugação, o corpo reage. Faz-se presente utilizando recursos próprios, escondidos em lugares mais profundos e mais obstinados do que aqueles lugares que buscam

¹⁶ FOUCAULT, M. *Le Corps Utopique*. In: *Le Corps utopique suivi de Les Hétérotopies*. Postface de: Daniel Defert. Paris: Nouvelles Éditions Lignes, 2009.p.10.

¹⁷ FOUCAULT, M. *Le Corps Utopique*. In: *Le Corps Utopique suivi de Les Hétérotopies*. Postface de: Daniel Defert. Paris: Nouvelles Éditions Lignes, 2009. p.10.

¹⁸ FOUCAULT, M. *Le Corps Utopique*. In: *Le Corps Utopique suivi de Les Hétérotopies*. Postface de: Daniel Defert. Paris: Nouvelles Éditions Lignes, 2009. p.11.

¹⁹ SABOT, P. *Langage, société, corps. Utopies et hétérotopies chez Michel Foucault*. Revue Materiali Foucaultiani, 2012, v.1, n.1, p. 14. Disponível em: <<http://materialfoucaultiani.org/fr>>. Acesso em: 15 set. 2014.

²⁰ FOUCAULT, M. *Le Corps Utopique*. In: *Le Corps Utopique suivi de Les Hétérotopies*. Postface de: Daniel Defert. Paris: Nouvelles Éditions Lignes, 2009.p.12.

anulá-lo. À tentativa de calá-lo, respondem desde suas entranhas, lugares obscuros e iluminados, visíveis e invisíveis, cuja potência própria é implacável.

Mais mon corps, à vrai dire, ne se laisse pas réduire si facilement. Il a, après tout, lui-même, ses ressources propres de fantastique; il en possède, lui aussi, des lieux sans lieu et des lieux plus profonds, plus obstines encore que l'âme, que le tombeau, que l'enchantement des magiciens. Il a ses caves et ses greniers, il a ses séjours obscurs, il a ses plages lumineuses²¹.

A potência viva do corpo nos revela sua faceta multidimensional, a saber, um corpo que não dominamos por não se deixar conhecer por completo, pois [...] *parfois opaque et transparent, visible et invisible, vie et chose: pour que je sois utopie, il suffit que je sois un corps*.²² Corpo irreduzível a um ou outro saber, corpo conhecido em seu desconhecimento, visível para os outros, invisível para si mesmo, precisa do toque e do olhar do outro para sentir-se. Revelando-se indiretamente e fora de si, o corpo torna-se ele mesmo [...] *un grand acteur utopique, quand il s'agit des masques, du maquillage et du tatouage*²³. Assim, conforme Foucault²⁴ o corpo de ator principal das utopias passa a ser ele mesmo um grande ator utópico. As máscaras, a maquiagem, as tatuagens e também as vestimentas são consideradas formas de comunicação que visam ultrapassar as fronteiras do exterior e do interior, colocando fragmentos do corpo em outros espaços até então inacessíveis, sem lugar no mundo, tais como são os espaços pertencentes às divindades, pertencentes ao outro e pertencentes à sociedade. Esses recursos são criados com o objetivo de sair de seu espaço e alcançar outro espaço, cuja linguagem enigmática, secreta e sagrada [...] *appelle sûre ce même corps la violence du dieu, la puissance sourde du sacré ou la vivacité du désir*²⁵. Isto somente é possível, de acordo com o filósofo, porque os recursos utilizados pelo corpo surgem do despertar de utopias encarnadas na própria carne, na materialidade bruta, potente e viva do corpo. As utopias, então, são como fantasmas encarnados no corpo que buscam se exteriorizar de alguma maneira ou como Sabot coloca [...] *cette virtualité utopique que le corps incarne lui-même complètement et que le soustrai définitivement à cette apparence de réalité par laquelle il s'impose quotidiennement à nous*²⁶.

²¹ FOUCAULT, M. *Le Corps Utopique*. In: *Le Corps Utopique suivi de Les Hétérotopies*. Postface de: Daniel Defert. Paris: Nouvelles Éditions Lignes, 2009. p.12

²² FOUCAULT, M. *Le Corps Utopique*. In: *Le Corps Utopique suivi de Les Hétérotopies*. Postface de: Daniel Defert. Paris: Nouvelles Éditions Lignes, 2009.p.14.

²³ FOUCAULT, M. *Le Corps Utopique*. In: *Le Corps Utopique suivi de Les Hétérotopies*. Postface de: Daniel Defert. Paris: Nouvelles Éditions Lignes, 2009. p.15.

²⁴ FOUCAULT, M. *Le Corps Utopique*. In: *Le Corps Utopique suivi de Les Hétérotopies*. Postface de: Daniel Defert. Paris: Nouvelles Éditions Lignes, 2009. p.15.

²⁵ FOUCAULT, M. *Le Corps Utopique*. In: *Le Corps Utopique suivi de Les Hétérotopies*. Postface de: Daniel Defert. Paris: Nouvelles Éditions Lignes, 2009. p. 15.

²⁶ SABOT, *Langage, société, corps. Utopies et hétérotopies chez Michel Foucault*. Revue Materiali Foucaultiani, 2012, v.1, n.1, p. 15. Disponível em: <<http://materialfoucaultiani.org/fr>>. Acesso em: 15 set. 2014.

Dessa forma, contrário a tese inicial de que estamos condenados à topia impiedosa do corpo material, opositor de toda utopia e imperiosamente presente, Foucault²⁷ depara-se com um corpo que está sempre em outro lugar além de si mesmo, não necessariamente no mundo já que o mundo e suas coisas surgem e se localizam a partir dele. O corpo, portanto, é o que constitui o mundo que está ao seu redor, pois é a partir dele que a noção de distância, de altura, de sequência, entre outros, se desenvolvem. É a razão pela qual Foucault compreende o corpo como ponto zero do mundo²⁸.

Le corps est le point zero du monde, là où les chemins et les espaces viennent se croiser le corps n'est nulle part: Il est au coeur du monde ce petit noyau utopique à partir duquel je revê, je parle, j'avance, j'imagine, je perçois les choses en leur place et je les nie aussi par le pouvoir indéfini des utopies que j'imagine. Mon corps est comme la Cité du Soleil, il n'a pas de lieu, mais c'est de lui que sortent et que rayonnent tous les lieux possibles, réels ou utopiques.²⁹

Foucault apresenta o corpo tanto em sua dimensão utópica como também enquanto espaço sem lugar a partir do qual o mundo e as coisas do mundo se localizam. Sabot³⁰ em relação a isto assinala nisso uma tensão superada pelo filósofo ao encontrar na experiência do espelho e do cadáver a indicação da existência do nosso corpo. Assim, ambas as experiências nos permite saber que temos um corpo com contornos, forma, densidade e que ocupa um lugar. Ambas as experiências conferem um espaço às experiências mais profundas e originariamente utópicas do corpo. São elas [...] *qui font taire et apaisent et ferment sur une clôture – qui est maintenant pour nous scellée – cette grande rage utopique qui délabre et volatilise à chaque instant notre corps*³¹. Portanto, sabemos de nosso corpo pelo seu revés, isto é, pela imagem refletida no espelho – além de mim e, apesar de inacessível, é unificador - e pelo cadáver – por sua inércia e falta de vida sei que meu corpo está aqui -. *Além e aqui, dentro e fora*, relação que nos constitui ao nos colocar para além de nós mesmos, apesar de estarmos *aqui*.

Há, no entanto, para o filósofo, uma terceira maneira de sabermos nosso corpo *aqui*, a saber, o ato de fazer amor. Se o espelho e o cadáver nos conduzem para o além de mim e para o lugar que não vou ocupar como uma maneira de saber que estou *aqui* e se estas experiências ainda mantêm oculta a utopia soberana e profunda do corpo, o ato de fazer amor nos conduz para o encontro com nosso corpo, com o

²⁷ FOUCAULT, M. *Le Corps Utopique*. In: *Le Corps Utopique suivi de Les Hétérotopies*. Postface de: Daniel Defert. Paris: Nouvelles Éditions Lignes, 2009. p.18.

²⁸ A respeito do ponto zero é relevante compreender conforme nos coloca Dosse que o estruturalismo buscando libertar-se de todo e qualquer subjetivismo busca o grau zero inicial de toda experiência. Assim, Foucault ao referir-se ao corpo como ponto zero do mundo está buscando a experiência anterior a todas as outras experiências, a qual está localizada no corpo. DOSSE, F. A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido. São Paulo: Editora UNESP, 2001. p.237-53.

²⁹ FOUCAULT, M. *Le Corps Utopique*. In: *Le Corps utopique suivi de Les Hétérotopies*. Postface de: Daniel Defert. Paris: Nouvelles Éditions Lignes, 2009.p.18.

³⁰ SABOT, *Langage, société, corps. Utopies et hétérotopies chez Michel Foucault*. Revue Materiali Foucaultiani, 2012, v.1, n.1, p. 15. Disponível em: <<http://materialfoucaultiani.org/fr>>. Acesso em: 15 set. 2014.

³¹ FOUCAULT, M. *Le Corps Utopique*. In: *Le Corps utopique suivi de Les Hétérotopies*. Postface de: Daniel Defert. Paris: Nouvelles Éditions Lignes, 2009. p.19

que temos de mais profundo e inacessível. O corpo passa a ocupar o espaço no aqui e agora. Fora de todas as utopias, o ato de fazer amor revela o corpo para si mesmo. Foucault refere que fazer amor é abertura ao outro, cuja presença sentida pelo toque, pelo olhar, por sua densidade, despertam um corpo desconhecido e adormecido. Nas palavras do filósofo, [...] *faire l'amour, c'est sentir son corps se renfermer sur soi, c'est enfin exister hors de toute utopie, avec sa densité, entre les mains de l'autre*³². Palavras sensíveis que tocam *corpoalma-almacorpo* ao referir-se a certeza trazida pela presença maciça do outro. Não sou corpo sem o corpo do outro. É o corpo do outro que revela o lugar do meu corpo. Fazer amor é a saída de todas as utopias, pois é o instante em que não se está além, mas *aqui*.

Considerações Finais

A conferência *Le Corps Utopique* chama a atenção não somente pelo tema do corpo, mas pela maneira como o filósofo o aborda. Apresentando-nos no quadro do desaparecimento do sujeito, o corpo aparece em sua irredutibilidade. Deparamo-nos com um Foucault fora do seu espaço habitual, permitindo-nos acompanhá-lo no livre curso da paixão que ele parece experimentar pelo estilo que imprime a sua conferência e por essa espécie de *homem sem terra* que é a fronteira entre a literatura e a filosofia ali presentes. Defert³³ no posfácio escrito por ocasião da publicação das conferências, ao referir-se à primeira delas, coloca o quanto era prazeroso para o filósofo o jogo literário e, sobretudo, a ascese da escrita. Percebe-se este mesmo jogo na conferência radiofônica e, neste caso, a publicação escrita preservou a sonoridade do texto oral, ressaltando a existência de um tom mais literário, oral e estranhamente pessoal que anima e atrai na exposição do corpo utópico. Contudo, esse aparente descompromisso quando comparado com o peso de suas obras anteriores apenas esconde um rico aparato conceitual alicerçado em um movimento argumentativo profundo e acessível a todos os públicos, pois, ao tratar da experiência utópica do corpo, convida-nos a entrar em contato com algo que nos parece estranhamente familiar.

Ao longo da exposição, Foucault nos introduz de forma imediata na existência de um corpo não redutível a um ou outro aspecto, ao contrário, ele nos impõe a visão do conjunto de um corpo que tentamos dominar permanentemente. Pensado como dado, já que convivemos com ele desde o nascimento, resulta que nosso corpo é o conhecido mais desconhecido com o qual permanecemos diariamente. Silencioso e barulhento, acessível e inacessível, para tentarmos saber dele, precisamos sempre recorrer ao outro. Assim, a busca do corpo pelo seu lugar em lugares não lugares parece ser próprio de sua condição.

³² FOUCAULT, M. *Le Corps Utopique*. In: *Le Corps Utopique suivi de Les Hétérotopies*. Postface de: Daniel Defert. Paris: Nouvelles Éditions Lignes, 2009. p.19

³³ Defert, D. *Hétérotopie: tribulation d'un concept entre Venise, Berlin et Los Angeles*. In: *Le Corps Utopique suivi de Les Hétérotopies*. Postface de: Daniel Defert. Paris: Nouvelles Éditions Lignes, 2009. p.38-61.

Se aceitarmos que as utopias existem porque elas constituem o corpo, então, poderemos encontrar aqui a ponte para o desafio do século XXI, a saber, a possibilidade de transfigurar e modificar um corpo atualmente considerado obsoleto. Parece que o corpo, grande ator utópico, agora pode concretizar seu sonho de eternidade, pois o desenvolvimento de áreas como a biotecnologia e a cibernética parece possibilitar o sonhado corpo perfeito. Se por um lado a associação entre ciência e tecnologia visa a melhoria da vida humana, como por exemplo o tratamento de doenças, o desenvolvimento de próteses, entre outras, por outro lado traz também a possibilidade cada vez maior de transformar, modificar e anular a fragilidade do corpo. O tema corpo é um tema central neste século, a busca pela beleza escultural e pela perfeição plástica parece ser a concretização do corpo utópico.

A conferência nos remete ao cerne de nossa fragilidade, a saber, a dependência que nos caracteriza à medida que dependemos do outro para podermos nos saber existentes. Foucault nos confronta, desafiando-nos a pensar o tempo atual. Inseridos num mundo cada vez mais tecnológico, cuja virtualidade embaralha as fronteiras entre o real e o virtual, a tensão nas relações interpessoais advindas da crescente exposição à tecnologia termina por nos confundir, fragilizando-nos. Se aceitarmos que para sermos *corpoalma* precisamos do *corpoalma* do outro com toda sua presença, na iminência das relações estarem cada vez mais conflituosas e esvaecidas na virtualidade que nos permeia, amar o outro se transforma em retórica, não mais em presença. O cuidado é não perdemos a riqueza contida no toque, no olhar e na presença sempre maciça do outro.

Referências

- DOSSE, F. História do Estruturalismo. São Paulo: Ensaio; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993. 447p. v.1: o campo do signo, 1945-1966
- DOSSE, F. A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido. São Paulo: Editora UNESP, 2001. p. 237-53.
- FOUCAULT, M. *Le Corps Utopique suivi de Les Hétérotopies*. Postface de: Daniel Defert. Paris: Nouvelles Éditions Lignes, 2009. 63p.
- SABOT, P. *Langage, société, corps. Utopies et hétérotopies chez Michel Foucault*. Revue Materiali Foucaultiani, 2012, v.1, n.1, p. 17-35. Disponível em: <<http://materialfoucaultiani.org/fr>>. Acesso em: 15 set. 2014.

Recebido em: 29/09/2014

Aprovado para publicação em: 30/05/2015

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.8 – Nº.1	Junho 2015	p.307-316
-----------------	-------------------	--------------	--------------	---------------	-----------